



<https://doi.org/10.51880/ho.v25i2.1300>



Sobre compartilhar histórias e o desafio criativo de mantê-las vivas: entrevista com Steven High, fundador do Centre for Oral History and Digital Storytelling na Concordia University, em Montreal

Mayra Jucá*

ORCID iD 0000-0002-8331-1618

Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Entrevista com Steven High, historiador oral canadense, autor de pelo menos uma dúzia de livros, vários deles premiados, e fundador do Centre for Oral History and Digital Storytelling (COHDS) – Centro de História Oral e Narrativas Digitais –, na Concordia University, em Montreal. Desde que foi fundado, em 2006, o COHDS tornou-se referência em diversas frentes, desde os modelos de parceria para além da academia, envolvendo pesquisadores, artistas e lideranças comunitárias, entre outras conexões, até o uso de tecnologias digitais e as interseções entre história oral e produções criativas como teatro, exposições, “*sound-walks*” (caminhadas sonoras), e filmes. Nesta entrevista, Steven High fala sobre sua abordagem da história oral, o processo de “*research-creation*” (pesquisa-criação) desenvolvido pelo COHDS nos últimos 15 anos, e sobre sua visão da história oral, não como metodologia disciplinar, mas como uma prática interdisciplinar e criativa.

Palavras-chave: Steven High. COHDS. Montreal Life Stories. Pesquisa-criação. Narrativas digitais. Autoridade compartilhada.

Sharing stories and the creative challenge of keeping them alive: interview with Steven High, founder of the Centre for Oral History and Digital Storytelling at Concordia University, in Montreal

* Doutoranda em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), com bolsa de pesquisa sanduíche no Centre for Oral History and Digital Storytelling na Universidade de Concordia, em Montreal (2021-2022) com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: mayrajuca@gmail.com.

Abstract: Interview with Steven High, a Canadian oral historian and acclaimed author of over a dozen books, founder of the Centre for Oral History and Digital Storytelling (COHDS) at Concordia University. Since its launch in 2006, COHDS became a reference at diverse levels, from the models of partnership beyond the academy gates, involving researchers, artists and community leaders, amongst other connections, to its use of digital technologies and the promotion of intersections between oral history and creative productions such as theatre, museum exhibitions, sound-walks and films. In this interview, Steven High gives us an in-depth look at his approach to oral history, the research-creation process and digital tools developed by COHDS over the last 15 years, and discusses how oral history can be transformed from a disciplinary methodology into an interdisciplinary creative practice.

Keywords: Steven High. COHDS. Montreal Life Stories. Research-creation. Digital storytelling. Shared authority.

Apresentação

Steven High¹ é um historiador que gosta de se apresentar como historiador oral, e que frequentemente acrescenta ao seu crédito a palavra “interdisciplinar”. Isso, por si, já diz bastante sobre ele. O fundador do Centre for Oral History and Digital Storytelling² (COHDS) da Concordia University, em Montreal, destaca constantemente a importância de ampliar as “fronteiras disciplinares” da História e o papel político da história oral na abertura de espaços de diálogo entre as diferenças. Muito além do entrevistado e do entrevistador, em seus projetos High promove diálogos entre teoria e prática, academia e comunidades, pesquisa e arte, reunindo pessoas de diversas formações, profissões, culturas e gerações, dentro e fora da universidade.

Embora parte considerável de sua produção acadêmica seja sobre teoria e ética da história oral, a desindustrialização e seu impacto sobre cidades e comunidades tem sido o tema central de suas pesquisas nas últimas duas décadas. Seu primeiro livro, *Industrial Sunset: the Making of North America's Rust Belt* (2003), recebeu prêmios da American Historical Association (AHA), da Canadian Sociology and Anthropology Association (CSAA), e da Federation of the Humanities and Social Sciences (FHSS). Depois dele vieram diversos outros,³ alguns organizados ou escritos em co-autoria, quase sempre

¹ Steven High é historiador, escritor, professor em tempo integral (Research Chair) do Departamento de História e membro-fundador do Centre for Oral History and Digital Storytelling (COHDS) da Universidade de Concordia em Montreal, Canadá. High é o atual presidente da Canadian Historical Association (2021-23). Veja seu perfil completo e atualizado. Disponível em: <https://www.concordia.ca/artsci/physics/faculty.html?fpid=steven-high>. Acesso em: 22 jul. 2022.

² Centro de História Oral e Narrativas Digitais (em tradução livre da autora). Disponível em: <https://storytelling.concordia.ca/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

³ Outros livros de Steven High sobre o tema: *Corporate Wasteland: The Landscape and Memory of Deindustrialization* (Cornell/BTL, 2007), em coautoria com o fotógrafo David Lewis; *The Deindustrialized World: Confronting Ruination in Post-Industrial Places* (UBC, 2017), coorganizado com Lachlan MacKinnon (Cape Breton University) e Andrew Perchard (University of Sterling); e *One Job Town: Work, Belonging and Betrayal in Northern Ontario* (UTP, 2019), vencedor dos prêmios Clío e Fred Landon Prize.

chancelados por prêmios importantes.

Nos últimos dez anos, porém, suas obras têm refletido as iniciativas do COHDS, cujo ponto de partida foi o projeto Montreal Life Stories, uma ação colaborativa de larga escala onde, ao longo de seis anos, mais de 500 moradores de Montreal foram entrevistados, gerando um arquivo com histórias de vida de imigrantes que fugiram da violência em países como Ruanda, Camboja, Haiti e Chile. Além de dezenas de artigos e capítulos de livros, High publicou os livros *Remembering Mass Violence: Oral History, New Media and Performance* (2013); *Oral History at the Crossroads: Sharing Life Stories of Survival and Displacement* (2014); *Beyond Testimony and Trauma: Oral History in the Aftermath of Mass Violence* (2015) e *Going Public: The Art of Participatory Practice* (2017).⁴

“Trabalhando entre disciplinas de várias maneiras, mas sem perder seu lugar de origem”, nas palavras do próprio High, o COHDS se tornou referência internacional da promoção de interseções entre a história oral e produções criativas como teatro, performance, exposições em museus, caminhadas sonoras e filmes. Esses produtos atraem novos públicos para o conteúdo da pesquisa, mas, quando perguntado sobre as estratégias que utiliza para publicizá-los, High nos faz pensar em como a pesquisa é feita, não como ela é divulgada. Cocriação e autoridade compartilhada são conceitos-chave no trabalho do COHDS.

Contrariando o “monopólio acadêmico do poder interpretativo”, como High pontua, no COHDS eles estão abrindo os processos e fazendo “pesquisas que vão além das abordagens extrativistas”, o que leva a novas formas de trabalhar com histórias de vida. Trata-se também de descentralizar e evitar “o perigo de reduzir, por exemplo, as pessoas que sofreram violência ao contexto da violência, mostrando que suas vidas são muito mais plenas, tem alegria, tem riso”.

Nesta entrevista concedida em 22 de fevereiro de 2022 em Montreal, Canadá, Steven High, que é também o atual presidente da Canadian Historical (CHA) (2021-23), fala sobre sua carreira, os produtos de pesquisa-criação desenvolvidos pelo COHDS e como a história oral pode ser transformada, de uma metodologia disciplinar, em uma prática criativa interdisciplinar.

Mayra Jucá – Obrigada por aceitar o convite para esta entrevista, professor High. Antes de começarmos, você poderia se apresentar com suas próprias palavras e falar sobre as motivações que o levaram a se tornar um historiador e um historiador oral?

Steven High – Muito obrigado pelo convite, e por fazer isso! Bem, meu nome é Steven High, eu sou de Thunder Bay, Ontário, que é uma pequena cidade na margem norte do Lake Superior. A próxima cidade fica a cerca de cinco horas de carro, então é muito isolado... Meu pai trabalhava na ferrovia, o que significa que eu tinha um passe de

⁴ Ver referências completas ao final deste artigo.

trem até os 26 anos, eu podia ir a qualquer lugar do país, era demais! Minha mãe era professora primária, então eu cresci em uma família de classe operária, meu pai trabalhava no turno da noite até os meus 16 anos... Mas com certeza eles incutiram em mim o desejo de ir para a universidade, e que a educação era importante.

No ensino médio, eu era muito... engajado politicamente. Eu estava muito engajado em questões como a política externa dos EUA na América Central naquela época, sabe, Nicarágua, El Salvador... Isso realmente me influenciou profundamente, eu sempre acreditei em um tipo de engajamento público... A gente quer fazer desse mundo um lugar melhor. E, para mim, história não é só estudar o passado pelo passado... É aprender sobre o passado, mas também é a razão pela qual o presente é o presente [risos], e tudo o que vemos ao nosso redor é do jeito que é. É historicamente construído, escolhas foram feitas e forças estavam atuando... História para mim é realmente um grande campo porque é centrado nas pessoas, o que para mim era muito importante, e meio que desmonta certas generalizações, sabe, as suposições sobre o mundo em que vivemos. Sempre senti que pesquisa é política, não importa o que você faça...

Eu entrei na história oral por acaso, fui contratado pelo museu da minha cidade natal como “historiador oral” [risos], era um [trabalho de] salário mínimo, acho que 4 dólares e 15 centavos por hora, e eles me deram um monte de fitas analógicas porque isso foi lá em 1988... E disseram “vai entrevistar os velhos”. Eu passei o verão entrevistando cerca de 40 pessoas da minha cidade natal e aprendi sobre a história de onde eu venho. Achei isso ótimo. E assim pude [mais tarde] trazer a história oral para os meus estudos. Você sabe, não tinha cursos de história oral, muitos historiadores orais são essencialmente autodidatas.

MJ – Agora, você poderia me contar a história de como o Centre for Oral History and Digital Storytelling (COHDS) foi concebido?

SH – Bem, meu primeiro trabalho como professor foi na Nipissing University, uma pequena Universidade ao norte de Ontário, fui contratado lá em 2002 e fiquei três anos, e isso realmente me transformou no sentido de que... Os alunos estavam muito interessados em ir a público.⁵ Então meu ensino foi transformado em termos de ir além da sala de aula. Comecei a ensinar história oral e depois comecei a elaborar cursos que iam culminar em eventos públicos, abrindo assim um espaço onde as pessoas pudessem ouvir histórias, mas também contar outras histórias, novas histórias... Durante esses três anos, comecei a pensar em [criar] um centro de história oral. E sobre como precisamos de um espaço institucional para facilitar esse tipo de conversa. E esse seria um espaço [que seria compartilhado] entre a universidade e a comunidade. Para mim, quando falamos sobre “engajamento comunitário” na academia, muitas vezes pensamos em

⁵ High usa a expressão “go public” com frequência, nos sentidos de “ira a público”, “tornar público”, ou publicizar, divulgar, publicar, revelar, lançar. O termo em inglês também é usado para empresas que abrem seu capital para investimentos públicos.

professores saindo, fora dos muros da universidade... Mas acho que também se trata de caminhos para a universidade, para pessoas da comunidade. Para mim, um centro de história oral no campus pode ser uma espécie de união desses dois mundos.

Comecei a conceituar isso e aí surgiu uma vaga na Concordia [University], chamada Canada Research Chair in Public History. História Pública é frequentemente associada a museus e memória pública, então entrei em contato com eles e perguntei: ‘Bem, eu sou um historiador oral, isso conta? [risos] Isso é História Pública?’ Eu não tinha certeza de como eles definiriam isso, e eles disseram ‘sim, sim, é história pública’, então me candidatei. Canada Research Chair é [um cargo] para ser ambicioso, no sentido de criar um espaço, fazer algo acima e além de ensinar e escrever seus próprios livros... Eu propus um centro interdisciplinar de história oral e trouxe esboços do que poderia se tornar o Centre for Oral History and Digital Storytelling.

Eles ficaram animados. Eu consegui o emprego, e com o emprego veio uma bolsa externa que pagava, essencialmente, espaço, infraestrutura [para pesquisa]. E isso nos permitiu ter o espaço que temos, que é bastante espaço físico, no contexto das ciências humanas e sociais. Nós não temos muito espaço... [risos]. [Eles] Assumem que só escrevemos livros, nós não precisamos de laboratórios e não precisamos de espaços colaborativos. Mas história oral é baseada em colaboração. E na construção de comunidades, de certa forma. Então o espaço era muito importante.

Entre 2005 e 2007 nós desenhamos o espaço, desenhamos as estruturas de governança [...] tentando fugir um pouco da hierarquia da universidade... História oral é um campo que, ao contrário da etnografia, que é uma metodologia para a Antropologia, então é uma metodologia disciplinar, a história oral não é uma metodologia disciplinar. Você pode encontrar historiadores orais em todo lugar... O COHDS então seria esse “entre-lugares”.

MJ – O projeto Montreal Life Stories foi a primeira iniciativa do COHDS, um projeto de grande porte e “de vanguarda” em diversas frentes, que gerou filmes, livros, exposições, performances, plataformas *web*... Em que medida essa experiência moldou o COHDS e vice-versa?

SH – A ideia do Montreal Life Stories veio muito rápido. História oral é um trabalho muito local, mas também é muito global. Montreal é uma cidade global, pessoas de todo o mundo estão em Montreal, e isso se conecta a histórias ao redor do mundo... E certamente na Concordia [University], um dos pontos fortes são as comunidades culturais. Temos pessoas na Universidade que sofreram violência em massa e estão estudando violência em massa, ou estudando migração forçada... Nós [Montreal Life Stories] crescemos organicamente em um período de seis ou sete meses... E não era como se tivéssemos um mapa amplo dizendo “este é o plano”, que tínhamos que nos encaixar nele. Entrevistamos 500 pessoas que sofreram violência em massa e que agora

moram em Montreal... E então trabalhamos com essas histórias para abrir espaços para conversas, sejam espaços digitais, como histórias digitais, filmes ou espaços para exposições, espaços para artes visuais, espaços pedagógicos...

Falamos muito sobre a noção de Autoridade Compartilhada de Michael Frisch [Frisch, 2008], e o que ele fala é sobre como, na entrevista, você tem um diálogo, é uma coisa dialógica onde você tem autoridade experiencial em diálogo com a autoridade especializada. E então você aprende com [e não “sobre”], vai e volta, vai e volta, vai e volta... E porque está ouvindo através da diferença, transcende cada posicionalidade. E isso é um trabalho árduo, não é fácil. Quando elaboramos o projeto, queríamos garantir que essa dialogia, esse aprendizado com, não ficasse apenas nas entrevistas, tipo, a entrevista termina e você desliga o gravador e pronto. Trabalhamos muito para encontrar formas de abrir o processo de pesquisa. Para ter esse tipo de autoridade compartilhada do começo ao fim. Quem está na sala? Isso, no começo, era essencial. A comunidade ruandesa, a comunidade cambojana, a comunidade haitiana, a comunidade judaica, todos os sobreviventes e seus descendentes, estavam todos lá, na sala, assim como pesquisadores, e de novo, muitos pesquisadores eram dessas comunidades.

Isso foi muito importante porque se você cria um projeto sozinho e depois convida outras pessoas para participar, sabe, é uma colaboração, mas está sob seus termos. Enquanto que, se ele é orgânico, pode realmente ser co-criado e acho que isso o leva a um lugar diferente, tanto politicamente quanto em termos do potencial que o projeto tem.

Esse financiamento maior [que nós conseguimos] se chama “The Community-University Research Alliance”, e ele é lindo, porque ele tem como premissa compartilhar autoridade, sabe? Para obter o subsídio, você precisa demonstrar que não está abordando as comunidades com uma mentalidade extrativista, que está trabalhando com elas e que a pesquisa beneficia as comunidades com as quais você está trabalhando, bem como aos pesquisadores. A pesquisa tem que “empoderar” e você tem que mostrar isso na sua submissão ao edital.

MJ – Só para esclarecer, você recebeu um financiamento para estabelecer o COHDS e outro para o projeto Montreal Life Stories?

SH – Exatamente. Tivemos muita sorte no Canadá, porque o financiador canadense, o Social Sciences and Humanities Research Council [Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanidades], assumiu a liderança na valorização do trabalho colaborativo. Este é um exemplo talvez de mudança de cima [para baixo]. Eles [antes] estavam incentivando as disciplinas que tendiam a trabalhar de maneira mais tradicional, onde os acadêmicos detêm o monopólio da interpretação e onde a pesquisa é feita por e para acadêmicos. E aqui você tem um contexto onde um financiador está mudando o foco e colocando recursos em outro modo de produção acadêmica, outro modo de pesquisa...

E eu não conheço muitos países onde esse é o caso... E isso foi formidável porque com o financiamento externo vem também o reconhecimento dentro da universidade. Mas havia [também] resistência dentro, digamos, da disciplina de história... [risos]. Essa ideia de que a história oral não é “teorizada”, ou não é “séria” como outros tipos de história... Certamente ao longo dos anos, encontrei todo tipo de resistência vindo do meu próprio departamento [risos]. Mas isso também é no contexto em que os historiadores se sentiam sitiados, as universidades geralmente transferem recursos para as Engenharias e as Ciências [exatas], para longe das Humanidades. Eles estavam se sentindo ameaçados. Enquanto a história oral estava melhor posicionada, em meio a essas mudanças, para aproximar as pessoas.

MJ – Você pode dar alguns exemplos de como o Montreal Life Stories evoluiu durante esses seis anos?

SH – Levamos um ano para começar a entrevistar, porque precisávamos pensar nas questões de ética e em todas as questões que envolvem entrevistar sobreviventes de violência em massa... Tínhamos uma política de que todos deveriam estar no espaço da entrevista, então não queríamos criar uma hierarquia onde algumas pessoas estão entrevistando e todo o resto está interpretando... Queríamos que todos experimentassem, na primeira pessoa, aquela experiência de entrevistar alguém e ser responsável pelo espaço da entrevista, o que é uma grande responsabilidade...

E quando começamos a entrevistar, tendíamos a entrevistar primeiro os mais velhos. Claro, as pessoas pensavam “bem, eles não vão ficar aqui por tanto tempo...” Tem um senso de urgência. Eles entrevistaram principalmente pessoas que eram *seniors*, no sentido de status dentro da comunidade. Mas quatro, cinco anos depois, eles estavam entrevistando jovens, gente de 20 anos... Então há uma progressão que acontece ao longo desse tempo. E você não está apenas entrevistando pessoas que tiveram experiência em primeiro grau, que estavam em Ruanda em 1994, mas até mesmo pessoas que talvez tenham sido exiladas anteriormente e que perderam todos os familiares lá. Ou pessoas que nasceram depois, que herdaram essa história...

É porque o projeto estava aberto a novas pessoas, houve quase que uma migração dentro do projeto, onde os entrevistados se tornaram entrevistadores... Isso permitiu uma evolução. Muitos jovens das comunidades entraram, e eles tinham muitas perguntas... Tipo os jovens cambojanos que... [Havia] muito silêncio nas famílias sobre o *Khmer Rouge*... Eles puderam abrir um espaço para uma conversa dentro de suas famílias, mas também dentro de sua comunidade.

MJ – O COHDS possui uma gama de projetos baseados em narrativas cartográficas. Vocês criaram metodologias como entrevistas a **pé** (*walking interviews*), desenvolveram

aplicativos com caminhadas sonoras⁶ (*audio walks*) e até uma ferramenta *web* conectando lugares a histórias... Você pode contar mais sobre esse esforço para dar uma perspectiva local às histórias?

SH – Não há uma só maneira de entrevistar. Se você está estudando um lugar, e esse lugar é próximo, por que você não vai lá com o entrevistado e deixa aquele lugar despertar lembranças? Normalmente, as caminhadas sonoras baseadas na memória são, como você disse, muito locais: você ouve o que era, você vê o que é, e não é a mesma coisa, então há uma dissonância. Há uma tensão. Há atrito entre passado e presente. E isso, para mim, abre todo tipo de possibilidades e gera questionamentos, o que é bom.

Com o Montreal Life Stories, [por exemplo] Ruanda 1994: é meio mundo de distância de Montreal; 1994 é outro tempo. Então, como você traz isso aqui? Aquele tempo, aquele lugar: aqui e agora? Nós pensamos muito sobre isso. Criamos uma caminhada em áudio que está atrelada à caminhada comemorativa anual da comunidade de sobreviventes aqui em Montreal.⁷ Eles caminham de uma igreja até a orla, [onde] há uma torre memorial, e eles jogam flores no rio. Para a cultura ruandesa, todas as águas fluem juntas, então isso tem uma importância simbólica... Está simbolicamente conectando lá e aqui. E é lindo. Já fiz essa caminhada muitas vezes...

Para criar a sensação de quase entrar nessa caminhada, virtualmente temos uma paisagem sonora embaixo do áudio, você ouve a comunidade caminhando, falando, então o barulho de fundo faz com que você sinta que está sendo acompanhado. E então ao longo da caminhada, enquanto você está ouvindo, fazendo isso sozinho, você é acompanhado por seis pessoas, uma de cada vez, que se juntam a você por um período de tempo, e compartilham suas histórias com você. A próxima pessoa vem, e a próxima, é consecutivo... Estávamos tentando re-situar as histórias globais no local. O desafio aqui é como você vai do global para o local, em vez do local para o global.

Outros projetos são muito locais... [Como quando] Trabalhamos com um tema como a violência estrutural, onde há mudanças econômicas e bairros foram esvaziados. Fábricas fecharam, lojas fecharam, igrejas fecharam, escolas fecharam. O que resta é a pobreza e a fratura da comunidade. E aí, de novo, a ideia do *audio walk* é caminhar por esses espaços, ouvir as histórias das pessoas e ver esses lugares com novos olhos e de diferentes perspectivas. E o que eu também gosto sobre as caminhadas sonoras é que o problema das coisas online, tipo as narrativas digitais, é que as pessoas estão constantemente se movendo, estão navegando, o tempo é acelerado de certa forma, e então é difícil desacelerar para fazer as pessoas pararem e ouvirem. Para levar as pessoas num passeio. E no audiodocumentário da caminhada sonora o ato de caminhar pela cidade é uma forma de levar as pessoas em uma viagem, não apenas geograficamente, mas também politicamente, intelectualmente, em termos de conhecer a sabedoria local desses lugares.

⁶ Para saber mais, visite o *site*. Disponível em: <https://storytelling.concordia.ca/research-and-creation/audio-walks/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

⁷ Para saber mais, visite o *site*. Disponível em: <https://storytelling.concordia.ca/projects-item/a-flower-in-the-river/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

Agora, o desafio é que, na história oral, nossa prática padrão é transcrever essas entrevistas, e tudo bem se for uma entrevista sentada, porque as transcrições têm marcações de tempo permitindo que você volte com a gravação, mas com uma entrevista andando, você precisa saber onde eles estão para entender o que eles estão dizendo! Então você precisa de marcações geográficas. Então nós experimentamos trabalhar com ferramentas como o Google Street View e o Google Maps [em nossa metodologia de transcrição multimídia]⁸ para ter geolocalização para que você possa realmente ver onde as pessoas estão e sobre o que elas estão falando. Se você tiver essa opção, é realmente muito interessante.

MJ – E a plataforma Atlascine?⁹ Você poderia explicar brevemente a ideia desta ferramenta?

SH – Sim, é outra maneira de experimentar [com] essa dimensão geográfica. Quando o Montreal Life Stories terminou, iniciamos um novo projeto chamado Living Archives of Rwandan Exiles and Genocide Survivors in Canada¹⁰ [Arquivos Vivos de Exílios Ruandeses e Sobreviventes de Genocídio no Canadá]. Porque o projeto termina e a gente tem um arquivo. Como você continua ativando essas histórias? Como essas histórias podem continuar vivas? E continuar servindo às comunidades de onde elas vêm? Mas também ao público em geral?

Esse foi um projeto de três anos apenas com a comunidade ruandesa e estávamos experimentando com a criação de uma plataforma online que te permite ouvir histórias. Encadeamos as transcrições às entrevistas, permitindo pesquisá-las, entrar nas histórias por diferentes vias... [E considerar] Como uma interface de mapa nos permite entrar em histórias, porque essas trajetórias de vida também eram espaciais. Especialmente com a migração forçada, onde eles estão saindo de Ruanda e vindo não apenas para Montreal, mas para todo lado. Há múltiplos deslocamentos acontecendo. Então, como podemos imaginar um mapa que represente essas trajetórias, mas também nos permita entrar nessas histórias tanto em termos de narradores individuais, mas também de um corpus de entrevistas?

Temos um ciber-geógrafo, Sebastian Caquard, que codiretor do COHDS, que pensou muito sobre essas coisas, de maneiras muito sofisticadas... Não como você normalmente faria no Google, colocando um *pin*, mas pensando sobre espaço e narrativa de maneiras mais sofisticadas. Parte deste projeto foi desenvolver essa nova ferramenta que nos permitiu mapear histórias e visualizá-las espacialmente.

⁸ Para saber mais, visite o *site*. Disponível em: <https://storytelling.concordia.ca/projects-item/webinar-3-transcribing-walking-interviews/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

⁹ Para saber mais, visite o *site*. Disponível em: <http://geomedia.org/atlascine.html>. Acesso em: 22 jul. 2022.

¹⁰ Para saber mais, visite o *site*. Disponível em: <https://livingarchivesvivantes.org/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

MJ – Vocês também desenvolveram uma ferramenta *web* chamada “TensionTool”,¹¹ Você poderia falar um pouco sobre ela, qual o objetivo e como funciona?

SH – Falamos muito sobre como história oral é uma narrativa conversacional [e] é co-produzida. A estrutura da entrevista é pergunta e respostas, aquele vai e volta, certo? Essa coisa dialógica. Como analisar a própria dinâmica da entrevista? Como isso pode estar no centro da nossa análise? Porque, claro, há uma dupla agência. Os entrevistadores têm agência ao fazer perguntas, eles estão convidando o entrevistado a ir nessa direção, ou naquela direção. Ao mesmo tempo, os entrevistados têm agência. Eles podem não querer ir, podem desviar de perguntas, podem hesitar e podem puxar o entrevistador em uma direção diferente...

Então, sim, temos uma ferramenta que nos permite trabalhar com transcrições para identificar pontos onde achamos que há uma tensão subjacente, onde o entrevistador e o entrevistado talvez não estejam na mesma página. Onde parece haver dissonância. E isso é muito interessante, para mim, é um achado! Isso nos convida a pensar sobre o que está acontecendo. E isso é útil para treinar entrevistadores, mas também é útil em termos de análise de entrevistas como narrativa, ou narrativa conversacional... Não há uma maneira única de interpretar as entrevistas, o que queremos é nos engajar na entrevista de várias maneiras. E isso nos ajuda a ir mais fundo e entender o que está acontecendo.

Essa é a “TensionTool”. Eu não gosto do nome, porque não é sobre tensão... É mais sobre a dinâmica da entrevista, é sobre o relacionamento... Você pode colocar uma transcrição [em inglês] e em 30 segundos a ferramenta gera todos os pontos de tensão potencial dentro da entrevista. Eu tenho feito exercícios com os alunos onde a gente faz uma transcrição e identifica todos os pontos onde há hesitação, desvio, reticências... E aí comparamos com o que o computador gerou. É praticamente a mesma coisa, o que é incrível...

MJ – Por fim, você poderia comentar sobre o *software* Stories Matter, cuja nova versão está prestes a ser lançada? Ele foi lançado pela primeira vez em 2009, mas em 2021 “morreu” porque a ferramenta Adobe Flash foi descontinuada... Como vocês lidam com esse problema de sustentabilidade das plataformas *web*? Muitos sites e plataformas desapareceram e pelo mesmo motivo...

SH – Essas são todas ótimas perguntas... Então, a principal ferramenta de interpretação e a principal ferramenta de busca que temos na história oral é a transcrição. E quem já transcreveu sabe o quanto se perde na transcrição. As palavras que falamos estão carregadas de emoção, são corporificadas, e assim o significado pode ser diferente daquele que está num pedaço de papel transcrito. Nós começamos a explorar alternativas

¹¹ Para saber mais, visite o *site*. <https://livingarchivesvivantes.org/tools/tension-analysis/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

para isso.

No início do COHDS, em 2006, 2007, trabalhávamos com um *software* chamado Interclipper, que é para campanhas de marketing e interpretação de grupos focais. Basicamente, é um *software* que cria clipes e indexa, permite marcar os clipes com palavras-chave. Assim podemos encontrar tópicos dentro de entrevistas. E isso tem valor, porque outro problema com a transcrição é que cada entrevista é uma ilha em si. Como interpretamos as coleções de história oral? Quando você começa a criar bancos de dados de entrevistas, na verdade você está mapeando narrativas. Perguntas e respostas se tornam clipes. Você cria uma lista de *tags*, suas palavras-chave, é um exercício muito intelectual. Afinal, o que você está procurando? O que você está tentando conectar?

Aprendemos muito nesse processo. Isso nos deu muita experiência como usuários do *software*. Mas é um *software* proprietário, tivemos que pagar taxas caras, não podíamos mudar a arquitetura do *software*... E achamos que podemos fazer melhor! Vamos fazer um *software* de código aberto que seja gratuito, que possa evoluir naturalmente. Contratamos um programador e, ao longo de dois anos, desenvolvemos este *software* que nos permitiu criar *playlists*, exportar, juntar vários clipes, mesclar entrevistas e criar um banco de dados. Para mim, é uma maneira diferente de ouvir. Você sabe, ouvir é subjetivo. Quem é o ouvinte importa, a posicionalidade do ouvinte importa. Se você está transcrevendo, você está na linguagem, é proximidade. Com o banco de dados, você está pensando em unidades de história. Você está pensando a narrativa em si. Você tem um pouco mais de distância e talvez veja os silêncios, os lugares onde a narrativa dá um salto, onde ela se detém... Isso, para mim, é um tipo diferente de escuta. Nem melhor, nem pior: apenas diferente.

No final tivemos 1500 horas de entrevistas em um banco de dados. Muita gente usava o Stories Matter, mas não muitos programadores, então o *software* envelheceu... Não havia smartphones em 2009! E teve o problema com o [Adobe] Flash. Foi terrível quando a Adobe anunciou a descontinuidade do Flash... Sustentabilidade é um grande problema. Felizmente, a boa notícia é que, depois de um ano, convencemos a Concordia [University] a investir 120.000 dólares [canadenses] e teremos uma nova versão do Stories Matter que será totalmente *open-source* sem componentes externos... Essa foi uma resposta longa, desculpe. Mas estou muito empolgado porque é um ótimo *software* e acredito nele. O desafio tem sido a sustentabilidade e a conectividade. Idealmente, queremos que esses tipos de ferramentas se comuniquem.

MJ – Você poderia falar um pouco a respeito da escolha do termo “*digital storytelling*”, e sobre os debates em torno desse conceito?

SH – O que eu realmente gosto no “acoplamento” da história oral e do Digital Storytelling é que ele abre, não é fechado. No início, havia uma componente digital muito forte... Mas certamente nosso pensamento era que estávamos trabalhando com

história oral, mas não em uma mentalidade colecionista, como colecionar, preservar, arquivar... A maioria dos centros de história oral do mundo estão localizados em parte de uma biblioteca universitária, então há uma mentalidade de coleção muito forte, e estávamos pensando em curadoria, e em reunir pessoas e compartilhar histórias de maneiras criativas, tanto digitais quanto de outras maneiras. Então o nome tem nos servido bem.

E há certamente um debate dentro dos círculos de história oral norte-americana sobre se a história oral deve ser associada à [expressão] *storytelling* (narrativa), ou se *storytelling* é um problema. Estou pensando no artigo de Alexander Freund que ganhou prêmio de melhor artigo nos Estados Unidos. [Ele escreve] Sobre *storytelling* como uma prática neoliberal, um tipo de individualismo enlouquecido... E há uma crítica a ser feita sobre os tipos corporativos de contar histórias, mas acho que ele vai longe demais. Acho que o que ele prescreve, no fundo, é a história oral como prática disciplinar e que precisamos criar distância. Nós somos cientistas. Nós somos pesquisadores e eles são sujeitos. Acho que perderíamos algo profundo se fôssemos nessa direção. Tenho orgulho, na verdade, de que *storytelling* esteja em nosso nome, porque [assim] reconhecemos que existem muitas maneiras de se envolver com uma história pessoal.

Não se trata apenas de pesquisa, mas de compartilhamento de histórias, construção de comunidades, verdade e reconciliação, arte... E acho que isso enriquece a todos nós! Essa diversidade de abordagens, essa natureza porosa da história oral como campo, na minha opinião, é sua maior força, não uma fraqueza. E isso é um pouco de debate que está acontecendo dentro dos círculos de história oral norte-americana.

MJ – Outro termo que soa inovador, pelo menos no Brasil, é “*research-creation*” (pesquisa-criação). Você pode explicar o que é? E até que ponto é uma abordagem/conceito canadense?

SH – Pesquisa-criação é um termo em que estamos pensando nas conexões entre pesquisa e prática artística ou prática criativa: como a pesquisa pode informar a prática criativa e como a prática criativa pode informar a pesquisa. A prática criativa pode ser um insumo para a própria pesquisa. Na Concordia você pode fazer um Ph.D., é um Ph.D. [interdisciplinar] de pesquisa-criação, onde você produz um filme, ou *graphic novel*, ou algum outro tipo de produção criativa... Não é uma caixa preta, não é apenas um produto, mas o processo é que é realmente importante. Um dos pontos fortes da história oral é essa reflexão profunda sobre o processo, essa reflexividade... É uma comunidade de prática, essencialmente.

MJ – O COHDS se tornou referência de formas inovadoras de tornar públicas pesquisas baseadas em história oral. Você poderia comentar as principais estratégias que utilizam? Temos um livro inteiro sobre isso! Chamado *Going Public*¹² [risos]. Este é um livro

¹² Para saber mais, visite o *site*. Disponível em: <https://goingpublicproject.org/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

que escrevi com Elizabeth Miller, que é uma *filmmaker* fantástica e Ted Little, que atua no teatro. Esses dois foram essenciais para Montreal Life Stories. No final do projeto, estávamos pensando muito sobre a relação entre pesquisa e público, como os projetos se tornam públicos, o que queremos dizer com público...

Ir a público de uma forma acadêmica clássica: você faz uma pesquisa e, no final, vai a público para encontrar sua audiência. Isso é a noção de um público muito passivo, que é consumidor da nossa produção de conhecimento... E não era assim que estávamos pensando. Estávamos pensando em como “ir a público” faz parte de nossa própria prática de pesquisa.

A ideia de compartilhar autoridade, onde abrimos o processo, o que isso faz? E aí [buscamos] outras formas de imaginar pesquisas que vão além das abordagens extrativistas. O objetivo foi refletir sobre algumas dessas relações de poder. Gosto muito do trabalho da Eve Tuck, ela trabalha com questões indígenas e fala sobre o perigo de reduzir as pessoas que sofreram violência à violência. Na verdade, suas vidas são muito mais plenas, tem alegria, tem riso.

MJ – Você costuma destacar a interdisciplinaridade na história oral, e se apresenta como um historiador oral interdisciplinar. É uma espécie de lobby ou militância?

SH – Sim, acho que há muita resistência a algumas dessas mudanças porque elas ameaçam formas disciplinares de produção de conhecimento. Você sabe, eu sou um historiador, todos os meus diplomas são em História. Acredito na disciplina de História. Só não acho que precisamos ter um muro medieval ao nosso redor, para nos separar de outros “lugares de origem”, outras “aldeias”, como Antropologia, isso e aquilo... Para mim, trata-se de não ter muros, mas ainda ter um lar.

MJ – Em artigo recente,¹³ você debate a “distância crítica” da História e diz que “há uma nova geração desafiando a pretensão de desinteresse”. Como, na sua perspectiva, essa “velha lógica” está mudando?

SH – Bem, sim, tem algumas coisas aí. Meu pensamento sobre disciplinas foi influenciado pelo trabalho de Bertold Brecht. Existe, no teatro tradicional, uma “quarta parede”, aquela parede invisível que separa os atores no palco e o público, que cria a ilusão de que o que você está vendo não são atores, mas pessoas reais. E essa é a beleza do teatro. Mas ele pensou em como essa distância separa o público e se torna mais um escapismo do que um desafio para a sociedade. Acho isso muito bem pensado, e penso que a História e outras disciplinas têm uma prática semelhante. [Escrever em] Terceira pessoa, no passado, são formas de separar o passado e o presente.

Os historiadores estudam o passado, não o presente. E policiam essa fronteira, tendo mesmo termos negativos, em inglês dizemos “presentista” se você está muito focado

¹³ Ver High (2021).

no presente, e isso é pejorativo, é uma coisa ruim. Não sei se em português tem isso, mas em inglês tem... Você tem essa supressão ativa do presente dentro das práticas históricas clássicas. Eu diria que o perigo disso é que pode despolitizar. E, na verdade, pode ser desonesto também, porque é claro que o presente está moldando sua prática. Claro que está forjando as perguntas que você faz, as fontes que você consulta, as questões que estão te guiando, quem você é como pessoa, o que você traz para a mesa. Então a história oral é sobre a relação entre o passado e o presente, e isso é complicado! Acho que ter essas complicações visíveis torna seu trabalho mais sofisticado. E mais profundo, na melhor das hipóteses...

Sim, eu penso que algumas coisas que são visíveis à distância, não são visíveis de perto. Absolutamente. Mas o inverso também é verdadeiro. Acho que o que queremos é uma gama de distâncias. E cada uma dessas distâncias nos permite ver e ouvir as coisas de uma maneira diferente. Acho que o *ethos* da história oral, sendo porosa, permitindo diferentes influências, diferentes fluxos e tradições, é na verdade uma força. Ajuda a aprofundar e ajuda a ver as coisas de múltiplos pontos de vista.

MJ – Neste mesmo artigo, você menciona os acadêmicos que têm proximidade com os temas que estudam, como os universitários racializados...

SH – O que estamos vendo cada vez mais é uma mudança demográfica dentro das velhas disciplinas, como História... Você tem pessoas estudando a história indígena, que são indígenas, e ter suas vozes na conversa muda tudo. Não é sobre a interpretação da pessoa branca estar errada, mas se essa é a única interpretação, isso é distorcido. Ter essa diversidade para mim é muito importante. E, de novo, com o Montreal Life Stories foi a mesma ideia. Tínhamos pessoas entrevistando seus pais ou avós ou pessoas de sua comunidade... E cada uma dessas conversas era diferente. Você entrevistando minha mãe e eu entrevistando minha mãe não é a mesma entrevista. Isso não significa que minha entrevista será melhor porque sou filho dela, porque talvez ela esteja disposta a te contar coisas que não me contaria [risos]. Quem sabe? Mas isso importa no sentido de que, é claro, molda a conversa. Os historiadores orais pensam muito sobre a lógica subjacente do que está sendo dito, o que não está sendo dito, quem está na conversa e quem não está na conversa. Isso vale para a entrevista, mas também vale para um projeto e até para uma disciplina.

MJ – Você pode falar um pouco sobre o perfil do seu projeto atual, *Desindustrialization And The Politics Of Our Time*, o *DEPOT* (Desindustrialização e a Política do Nosso Tempo)?¹⁴

SH – Desde o início, sempre me interessei tanto pela violência em massa quanto pela violência estrutural. Violências estruturais, como pobreza, fechamento de fábricas, falta

¹⁴ Para saber mais, visite o *site*. Disponível em: <https://deindustrialization.org/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

de moradia, fazem parte do nosso cotidiano e nem sempre são vistas ou reconhecidas como violência. Eu venho de uma comunidade da classe operária e sempre senti fortemente que esse processo foi devastador para as comunidades ao redor do mundo. E os políticos não estão ouvindo, então há um silêncio. O projeto está olhando para a desindustrialização, o colapso das comunidades da classe trabalhadora industrial na América do Norte e na Europa Ocidental, áreas que se industrializaram cedo, que eram nações industriais, onde a indústria era importante para a economia, mas também para a sociedade. Falamos sobre a política de Donald Trump, o Brexit, a ascensão do populismo de direita na Europa Ocidental, mas também mais perto de casa [em Montreal], em termos do que está acontecendo com os movimentos anti-vacina... Estamos interessados na raiva, nas emoções, na interpretação das pessoas sobre o que está acontecendo. O projeto reúne pesquisadores, mas também sindicatos e museus do patrimônio industrial... Estamos nos unindo para pensar isso como um processo transnacional. Não se trata apenas de Donald Trump. O que aconteceu nos EUA, coisas semelhantes estão acontecendo no Reino Unido e assim por diante. E o que é que está acontecendo? Há muitas suposições na mídia, mas não muita pesquisa, e certamente não muita pesquisa com as próprias pessoas da classe trabalhadora.

Na história oral, costumamos entrevistar pessoas de quem gostamos, que admiramos, com quem nos identificamos. Eu não acho que entrevistamos o suficiente no campo das diferenças, aqueles com quem podemos não concordar, que podemos não gostar, mas precisamos entender. Se quisermos entender por que as pessoas estão com raiva, ou quem está odiando, precisamos ir até lá. Não para justificar seu ódio, mas para compreendê-lo. E é assim que podemos efetuar uma mudança. Esse é o tipo mais difícil de escuta, na minha opinião. E é isso que o projeto está fazendo.

É um projeto de 7 anos [iniciado em maio de 2020] que conecta pessoas de seis países diferentes [Canadá, Estados Unidos, Alemanha, França, Itália e Reino Unido]. Mas não se limita a esses países, é global. Você é do Brasil [risos] você sabe alguma coisa sobre isso... Estamos interessados em fazer conexões mais amplas. Queremos nos conectar globalmente porque é um fenômeno global. Convidamos as pessoas para fazerem apresentações [em eventos organizados pelo projeto] e elas se tornam parte da conversa e então se juntam ao projeto. Cada vez mais pessoas estão se juntando, de fora dos seis países que estão no centro [do escopo original].

MJ – Bem, acho que fiz todas as minhas perguntas... Muito obrigada novamente pelo seu tempo e disponibilidade!

Referências

DUONG, Thi Ry; HIGH, Steven; LITTLE, Edward (Ed.). *Remembering Mass Violence*: Oral

History, New Media and Performance. Toronto: University of Toronto Press, 2014.

FRISCH, Michael. Three Dimensions and More: Oral History Beyond the Paradoxes of Method. In: HESSE-BIBER, Sharlene Nagy; LEAVY, Patricia Leavy (Org.). *Handbook of Emergent Methods*. New York: Guildford, 2008. p. 221-238.

HIGH, Steven (Org.). *Beyond testimony and trauma: Oral history in the aftermath of mass violence*. Vancouver: UBC Press, 2015.

HIGH, Steven. *Industrial Sunset: The Making of North America's Rust Belt, 1969-1984*. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

HIGH, Steven. Oral History as Creative Practice at Concordia University's Centre for Oral History and Digital Storytelling. *Bulletin de l'AFAS*, n. 47, p. 108-121, 2021.

HIGH, Steven. *Oral History at the Crossroads: Sharing Life Stories of Survival and Displacement*. Vancouver: UBC Press, 2015.

HIGH, Steven; LITTLE, Edward; MILLER, Elizabeth. *Going public: The art of participatory practice*. Vancouver: UBC Press, 2017.

Recebido em 15/05/2022

Aprovado em 08/06/2022

Fonte de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Bolsa.